

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
ÁREA DE CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS DA VIDA  
CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA**

**FERNANDA BOLZAN FRASSETTO**

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO: CLÍNICA MÉDICA E  
CIRÚRGICA DE PEQUENOS ANIMAIS**

**CAXIAS DO SUL  
2023**

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
ÁREA DE CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS DA VIDA  
CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA**

**FERNANDA BOLZAN FRASSETTO**

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO: CLÍNICA MÉDICA E  
CIRÚRGICA DE PEQUENOS ANIMAIS**

Relatório de Estágio Curricular Obrigatório apresentado ao Curso de Medicina Veterinária da Universidade de Caxias do Sul (UCS) como requisito parcial para a obtenção do Título de Médico Veterinário.

Orientador Prof. Dr. Eduardo Conceição de Oliveira

**CAXIAS DO SUL  
2023**

**FERNANDA BOLZAN FRASSETTO**

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO: CLÍNICA MÉDICA E  
CIRÚRGICA DE PEQUENOS ANIMAIS**

Relatório de Estágio Curricular Obrigatório  
apresentado ao Curso de Medicina  
Veterinária da Universidade de Caxias do  
Sul (UCS) como requisito parcial para a  
obtenção do Título de Médico Veterinário.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Conceição  
de Oliveira

**Aprovada em: 20/11/2023**

**Banca examinadora**

---

Prof. Dr. Eduardo Conceição de Oliveira  
Universidade de Caxias do Sul

---

Prof. Dra. Antonella Souza Mattei  
Universidade de Caxias do Sul

---

M.V. Álvaro Turmina de Jesus  
Mestrando do PPGSA da Universidade de Caxias do Sul

Dedico este trabalho à minha filha, a qual mudou minhas prioridades e minha forma de ver e sentir o mundo.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus pais, Fernando e Carmen, por embarcarem comigo nessa segunda graduação. Por acreditarem em mim e por proporcionarem essa oportunidade na minha vida. Obrigada pelo apoio e pela compreensão.

Também agradeço ao meu marido Fabrício pelo apoio e segurança durante esses anos de graduação. Obrigada por me incentivar mesmo nos momentos mais difíceis e nos momentos em que me faltou coragem. Obrigada por estar sempre ao meu lado.

Ao meu professor e orientador Eduardo, pela paciência e pela tranquilidade. Obrigada pela amizade e pelas aulas durante toda a graduação. E obrigada por prontamente sempre me ajudar quando tive dúvidas sobre a realização deste relatório.

Agradeço às médicas veterinárias da Clinicale, Alexandra Zucco e Adriana Gafrée pelo espaço e oportunidade. Obrigada por todos os ensinamentos, pelas vivências, pela paciência e por acreditarem em mim.

Foi um momento muito importante na minha vida.

A todos vocês, muito obrigada.

*Duas estradas se bifurcaram no meio da minha vida. Peguei a estrada menos usada. E isso fez toda a diferença.*

**Autor desconhecido**

## RESUMO

Este relatório de Estágio Curricular em Medicina Veterinária da UCS teve como objetivo apresentar o local de estágio, as atividades desenvolvidas pelo estagiário, com as casuísticas clínicas e cirúrgicas do local, além de apresentar dois casos clínicos acompanhados durante a realização do mesmo. O estágio foi realizado na área de clínica médica e cirúrgica de pequenos animais e o local escolhido foi a Clinica Clínica Veterinária em Farroupilha, RS, durante o período de 24 de julho de 2023 a 20 de outubro de 2023, totalizando 416 horas, sob orientação do Prof. Dr. Eduardo Conceição de Oliveira e supervisão da médica veterinária Alexandra Zucco. Durante este período, foram acompanhados 90 atendimentos clínicos, 77 imunizações e 13 procedimentos cirúrgicos. A espécie de maior casuística foi na espécie canina, correspondendo a 128 animais que passaram por atendimento clínico e imunização. Já os felinos, corresponderam a 52 animais sob as mesmas circunstâncias. No que corresponde aos atendimentos clínicos, a maior casuística ocorreu no sistema digestório e no sistema tegumentar, com os quadros de enterite e otite externa, respectivamente com maiores ocorrências. Dentre os atendimentos acompanhados, foram descritos dois casos clínicos: complexo gengivoestomatite em felina sem raça definida e uma obstrução uretral em felino macho. No caso complexo gengivoestomatite, o felino apresentou sinais de anorexia, halitose e úlceras orais sendo diagnosticado com doença periodontal grave, com padrão ósseo de osteomielite e lesões de reabsorção odontoclástica. Já no caso de obstrução uretral, o paciente mostrava-se em estupor e sem urinar por três dias. Foi realizada desobstrução por sondagem uretral e lavagens vesicais para reestabelecer o equilíbrio hidroeletrólítico. O estágio curricular obrigatório em Medicina Veterinária foi um período de grande oportunidade de colocar em prática os conhecimentos adquiridos durante a graduação. Foram através das rotinas clínicas, que o aluno se aproximou da realidade da profissão. Foi também um momento de amadurecimento pessoal, e um período de possíveis escolhas dentro da área da Medicina Veterinária.

Palavras-chave: estágio; canina; felinos; complexo gengivoestomatite; obstrução uretral; medicina veterinária.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Apresentação da fachada da Clinica Clínica Veterinária, local de realização do Estágio Curricular Supervisionado em Medicina Veterinária da UCS.....	13
Figura 2 – Recepção e sala de espera da Clinica Clínica Veterinária.....	14
Figura 3 – Apresentação da estrutura dos Consultórios de atendimentos clínicos da Clinica Clínica Veterinária A) sala; 1 B) sala 2.....	15
Figura 4 – Sala de diagnóstico por imagem da Clinica Clínica Veterinária.....	15
Figura 5 – Estrutura da Sala de Internação de Cães e Gatos da Clinica Clínica Veterinária.....	16
Figura 6 – Estrutura e Equipamento da Sala Cirúrgica de cães e gatos da Clinica Clínica Veterinária.....	16
Figura 7 – Apresentação da estrutura da farmácia e almoxarifado da Clinica Clínica Veterinária.....	17
Figura 8 – Área externa para os animais da Clinica Clínica Veterinária.....	17
Figura 9 – Atividades realizadas pela estagiária na Clinica Clínica Veterinária. A) auxílio no diagnóstico por imagem; B) administração de medicação; C) auxílio em procedimento cirúrgico.....	19
Figura 10 – Felina, SRD, 9 anos, 4.3 kg com lesões periodontais. A) com exposição da raiz dentária e gengiva hipercorada; B) úlcera e gengiva hipercorada.....	33
Figura 11 – Paciente felino com doença periodontal grave. A) lado esquerdo; B) lado direito.....	34
Figura 12 – Paciente felino após exodontia dos dentes comprometidos pela periodontite A) lado esquerdo; B) lado direito.....	35
Figura 13 – Felino, SRD, macho de 1 ano e 3,4 kg, em decúbito lateral durante o atendimento inicial devido a obstrução uretral.....	39
Figura 14 – Material coletado por cistocentese do felino, SRD, macho de 1 ano e 3,4 kg apresentando urina de cor avermelhada escura.....	40
Figura 15 – Sondagem uretral em felino, SRD, macho de 1 ano e 3,4 kg durante desobstrução.....	40
Figura 16 – Conteúdo da lavagem vesical apresentando coloração avermelhada no segundo dia de internação em felino, SRD, macho, de 1 ano e 3,4 kg..	41

## LISTAS DE TABELAS

Tabela 1 – Casuística de atendimentos clínicos, vacinas, procedimentos cirúrgicos e procedimentos clínicos acompanhados durante o estágio curricular obrigatório na Clinica Clínica Veterinária.....	20
Tabela 2 – Classificação de atendimentos quanto a espécie, acompanhados em atendimentos clínicos e vacina durante o estágio curricular obrigatório na Clinica Clínica Veterinária.....	20
Tabela 3 – Casuística clínica acompanhada durante o estágio curricular obrigatório na Clinica Clínica Veterinária.....	20
Tabela 4 – Casuística de vacina acompanhada durante o estágio curricular obrigatório na Clinica Clínica Veterinária.....	23
Tabela 5 – Casuística das afecções gastrointestinais e órgãos anexos acompanhadas durante o estágio curricular obrigatório na Clinica Clínica Veterinária.....	23
Tabela 6 – Casuística das afecções tegumentares acompanhadas durante o estágio curricular obrigatório na Clinica Clínica Veterinária.....	25
Tabela 7 – Casuística das afecções urinárias acompanhadas durante o estágio curricular obrigatório na Clinica Clínica Veterinária.....	25
Tabela 8 – Casuística das afecções musculoesqueléticas acompanhadas durante o estágio curricular obrigatório na Clinica Clínica Veterinária.....	26
Tabela 9 – Casuística das afecções cardiorrespiratórias acompanhadas durante o estágio curricular obrigatório na Clinica Clínica Veterinária.....	26
Tabela 10 – Casuística das afecções infectocontagiosas acompanhadas durante o estágio curricular obrigatório na Clinica Clínica Veterinária.....	27
Tabela 11 – Casuística das afecções oftalmológicas acompanhadas durante o estágio curricular obrigatório na Clinica Clínica Veterinária.....	27
Tabela 12 – Casuística das afecções odontológicas acompanhadas durante o estágio curricular obrigatório na Clinica Clínica Veterinária.....	28
Tabela 13 – Casuística das afecções oncológicas acompanhadas durante o estágio curricular obrigatório na Clinica Clínica Veterinária.....	28
Tabela 14 – Casuística dos atendimentos do sistema reprodutor acompanhadas durante o estágio curricular obrigatório na Clinica Clínica Veterinária.....	29
Tabela 15 – Casuística das afecções neurológicas acompanhadas durante o estágio curricular obrigatório na Clinica Clínica Veterinária.....	29
Tabela 16 – Casuística dos procedimentos cirúrgicos acompanhados durante o estágio curricular obrigatório na Clinica Clínica Veterinária.....	30
Tabela 17 – Casuística dos procedimentos clínicos acompanhados durante o estágio curricular obrigatório na Clinica Clínica Veterinária.....	30

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 – Classificação da faixa etária quanto a espécie canina acompanhada durante o estágio curricular obrigatório na Clínica Clínica Veterinária.21

Gráfico 2 – Classificação da faixa etária quanto a espécie felina acompanhada durante o estágio curricular obrigatório na Clínica Clínica Veterinária.22

## LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALT	Alanina Aminotransferase
BID	<i>Bis in Die</i> (duas vezes ao dia)
bpm	batimentos por minuto
°C	Graus Celsius
cp	comprimido
DTUIF	Doença Trato Urinário Inferior Felino
ELISA	<i>Enzyme-Linked Immunosorbent Assay</i>
EPF	Exame Protoparasitológico de Fezes
EQU	Exame Qualitativo de Urina
FA	Fosfatase Alcalina
FC	Frequência Cardíaca
FIV	Vírus da Imunodeficiência Felina
FeLV	Vírus da Leucemia Felina
h	hora
IV	Intravenosa
IM	Intramuscular
Kg	Quilograma
mg	miligrama
ml	mililitro
seg	segundos
SID	<i>Semel In Die</i> (uma vez ao dia)
SRD	Sem Raça Definida
TIVA	Anestesia Total Intravenosa
VO	Via Oral

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2 DESCRIÇÃO DO LOCAL DE ESTÁGIO .....</b>	<b>13</b>
2.1 CLINICAL CLÍNICA VETERINÁRIA .....	13
<b>3 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS E CASUÍSTICAS .....</b>	<b>18</b>
3.1 ROTINA CLÍNICA.....	18
3.1.1 Casuística. ....	19
<b>4 RELATOS DE CASOS CLÍNICOS.....</b>	<b>31</b>
4.1 COMPLEXO GENGIVOESTOMATITE EM FELINA SEM RAÇA DEFINIDA.....	31
4.1.1 Relato de Caso.....	32
4.1.2 Discussão.....	35
4.2 OBSTRUÇÃO URETRAL EM FELINO MACHO.....	37
4.2.1 Relato de Caso.....	38
4.2.2 Discussão.....	42
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>47</b>
<b>ANEXO A - LAUDO DA M. V. MA. MANOELA M. BIANCHI DE FELINO, MACHO, COM PERIODONTITE.....</b>	<b>49</b>
<b>ANEXO B - EXAME QUALITATIVO DE URINA DE FELINO, MACHO, SRD.....</b>	<b>51</b>
<b>ANEXO C - EXAME BIOQUÍMICO DE FELINO, MACHO, SRD.....</b>	<b>52</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O estágio curricular obrigatório no curso de Medicina Veterinária é de fundamental importância para a formação profissional do aluno, pois é um período de insubstituíveis aquisições de conhecimento acerca da rotina prática indo além dos aprendizados em sala de aula. Os conhecimentos adquiridos durante este período, atuam para a melhor preparação do futuro profissional para o mercado de trabalho.

Foram realizadas 416 horas, no período de 24 de julho de 2023 a 20 de outubro de 2023, na Clínica clínica veterinária, sob orientação acadêmica do Professor Eduardo Conceição de Oliveira e supervisão da Médica Veterinária Alexandra Zucco (CRMV-RS 15063). A Clínica Clínica Veterinária, estava localizada no Município de Farroupilha na Serra Gaúcha.

O presente trabalho teve como objetivo descrever o local de realização do estágio, bem como atividades realizadas e casuística observada. Também foram relatados dois casos clínicos: uma periodontite em felina sem raça definida e obstrução uretral em felino macho.

## 2 DESCRIÇÃO DO LOCAL DE ESTÁGIO

### 2.1 CLINICAL CLÍNICA VETERINÁRIA

O estágio curricular obrigatório foi realizado na Clinicale Clínica Veterinária (Figura 1), localizada na Avenida Santa Rita, nº 232, Bairro Planalto, Farroupilha, no Estado do Rio Grande do Sul.

Figura 1 – Apresentação da fachada da Clinicale Clínica Veterinária, local de realização do Estágio Curricular Supervisionado em Medicina Veterinária da UCS



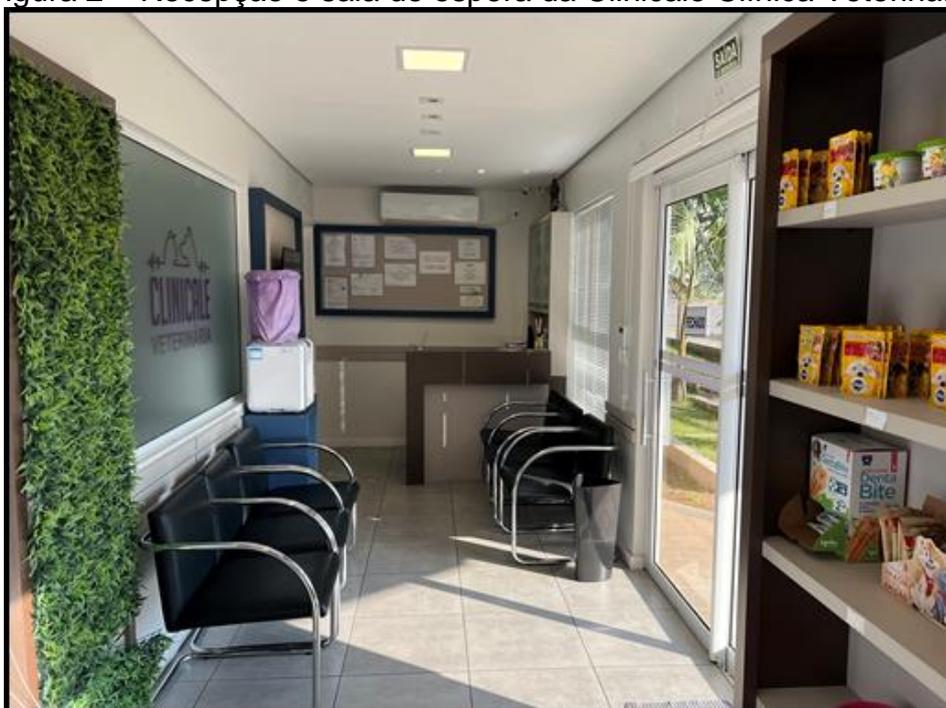
Fonte: Fernanda B. Frassetto (2023).

A clínica possuía atendimento clínico e cirúrgico, além de internação. O horário comercial era de segunda à sexta, das 09:00 às 12:00 e das 13:30 às 18:30. Nos sábados, o horário de funcionamento é das 09:00 às 12:00. A clínica já trabalhou com regime de plantão, contudo desde o início de 2023, não há mais este modo de atendimento. A equipe era formada por duas profissionais médicas veterinárias em tempo integral. Para composição da equipe e auxílio, contava com uma estagiária não curricular e uma estagiária curricular, além de médicos veterinários especializados terceirizados, que realizavam os atendimentos mediante agendamento prévio.

Os profissionais especializados atendiam na clínica prestando atendimento nas áreas de cardiologia, oncologia, endocrinologia, ortopedia, oftalmologia, gastroenterologia, odontologia e ultrassonografia. As consultas neurológicas eram encaminhadas para uma clínica especializada na área, no Município de Caxias do Sul. Já a demanda dermatológica era encaminhada para uma profissional também do Município de Caxias do sul.

A infraestrutura do local era composta por um andar térreo, onde estava localizada a recepção e a sala de espera (Figura 2). Também possuía estacionamento próprio. Era composta por três consultórios, sendo um para cada médica veterinária e um para o médico veterinário especializado terceirizado. Também apresentava uma sala de internação, uma sala de exames de imagem para radiografia e ultrassonografia e um bloco cirúrgico. O local também possuía farmácia interna, uma cozinha, um banheiro, uma área de serviço e área externa com local para os animais.

Figura 2 – Recepção e sala de espera da Clinica Clínica Veterinária



Fonte: Fernanda B. Frassetto (2023).

Os consultórios das médicas veterinárias (Figura 3 - A e B) bem como o consultório disponibilizado aos profissionais externos contava com armários com

medicamentos e materiais para exame clínico, pia, mesa de inox, escrivaninha e duas cadeiras.

Figura 3 – Apresentação da estrutura dos Consultórios de atendimentos clínicos da Clinicale Clínica Veterinária: A) sala 1; B) sala 2



Fonte: Fernanda B. Frassetto (2023).

Para os exames complementares, a clínica apresentava um espaço de diagnóstico por imagem (Figura 4), destinado aos pacientes que passaram por atendimento, aos pacientes internados na clínica, bem como aos pacientes externos. Ambos os exames, eram realizados na mesma sala. O local possuía uma máquina de raio - x e uma máquina de ultrassonografia, além de vestimentas de chumbo e canaletas para a realização do exame ultrassonográfico.

Figura 4 – Sala de diagnóstico por imagem da Clinicale Clínica Veterinária



Fonte: Fernanda B. Frassetto (2023).

A internação (Figura 5) não possuía divisão, sendo alocados cães e gatos no mesmo recinto, contando com 10 leitos. O local apresentava o material necessário para manejo e cuidados médicos, medicações, pia e mesa de inox para manipulação dos pacientes.

Figura 5 – Estrutura da Sala de Internação de Cães e Gatos da Clinica Clínica Veterinária



Fonte: Fernanda B. Frassetto (2023).

A sala cirúrgica (Figura 6) era composta por mesa, foco cirúrgico, materiais cirúrgicos, aparelho de anestesia inalatória, monitor multiparamétrico, bomba de infusão e medicações para anestesia e emergência.

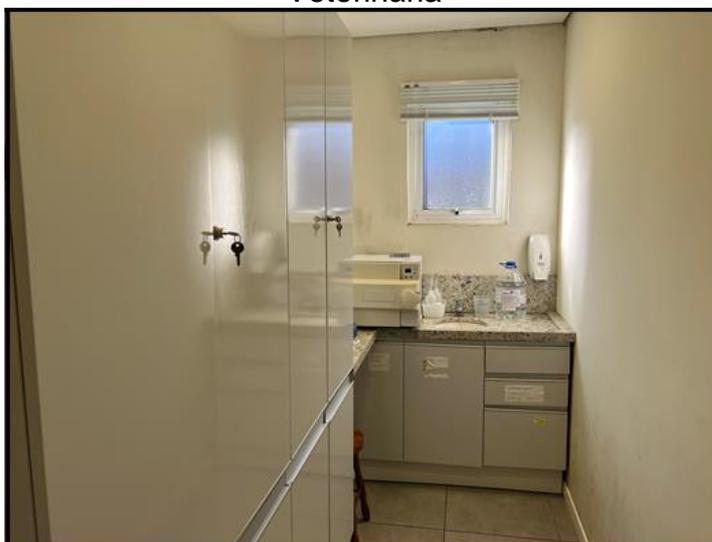
Figura 6 – Estrutura e Equipamento da Sala Cirúrgica de cães e gatos da Clinica Clínica Veterinária



Fonte: Fernanda B. Frassetto (2023).

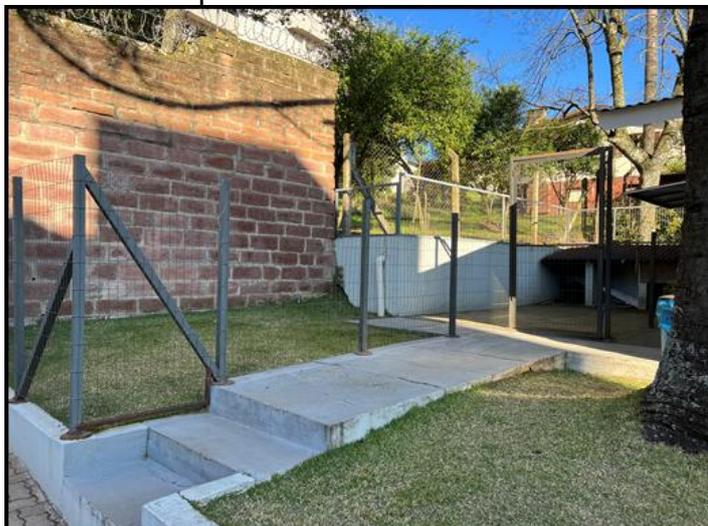
A clínica apresentava uma sala destinada à farmácia e almoxarifado (Figura 7) onde estavam disponibilizados medicamentos de uso interno e medicamentos destinados aos pacientes que passaram por consulta ou alta médica pós-cirúrgica. Materiais gerais de uso interno também ficavam armazenados neste local. No mesmo recinto havia a máquina de autoclave para a esterilização de materiais cirúrgicos. Por fim, a clínica contava com uma área externa (Figura 8) destinada aos animais internados, visto que muitos animais não urinam e defecam na gaiola ou em local fechado. O espaço também era destinado para que os animais pudessem ter um momento de caminhada.

Figura 7 – Apresentação da estrutura da farmácia e almoxarifado da Clinicale Clínica Veterinária



Fonte: Fernanda B. Frassetto (2023).

Figura 8 – Área externa para os animais da Clinicale Clínica Veterinária



Fonte: Fernanda B. Frassetto (2023).

### 3 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS E CASUÍSTICAS

#### 3.1 ROTINA CLÍNICA

A rotina clínica durante o estágio, concentrou-se num total de 32 horas semanais, distribuídos da seguinte forma: segunda à sexta, das 13:00 às 19:00 e sexta-feira, das 09:00 às 12:00 e das 13:30 às 18:30. Vale ressaltar que os procedimentos cirúrgicos eram realizados no turno da manhã, preferencialmente. As consultas e demais procedimentos ambulatoriais eram agendados no período da tarde.

Ao chegar no local, a estagiária encaminhava-se à recepção para ter acesso à agenda do dia. Após, encaminhava-se as médicas veterinárias para saber se havia alguma demanda específica e/ou urgente. Após, a estagiária encaminhava-se à sala de internação onde identificava se havia algum paciente internado bem como o motivo e medicações realizadas e/ou pendentes. Ali era realizado o monitoramento dos sinais vitais (quando solicitado) e acompanhamento, juntamente com as médicas veterinárias, acerca da evolução dos casos bem como as tomadas de decisões. Também era rotina, observar se havia material cirúrgico para limpeza e esterilização, visto que tais procedimentos eram realizados no turno anterior. Ao longo do dia, a estagiária acompanhava as médicas veterinárias nas consultas, participando da anamnese, do exame clínico, das informações passadas aos tutores bem como a solicitação de exames. Também participava das discussões acerca das suspeitas diagnósticas através de exames, além da terapia realizada pelas profissionais responsáveis. A estagiária também acompanhava as médicas veterinárias em qualquer procedimento realizado. As demandas do dia eram estipuladas pela equipe.

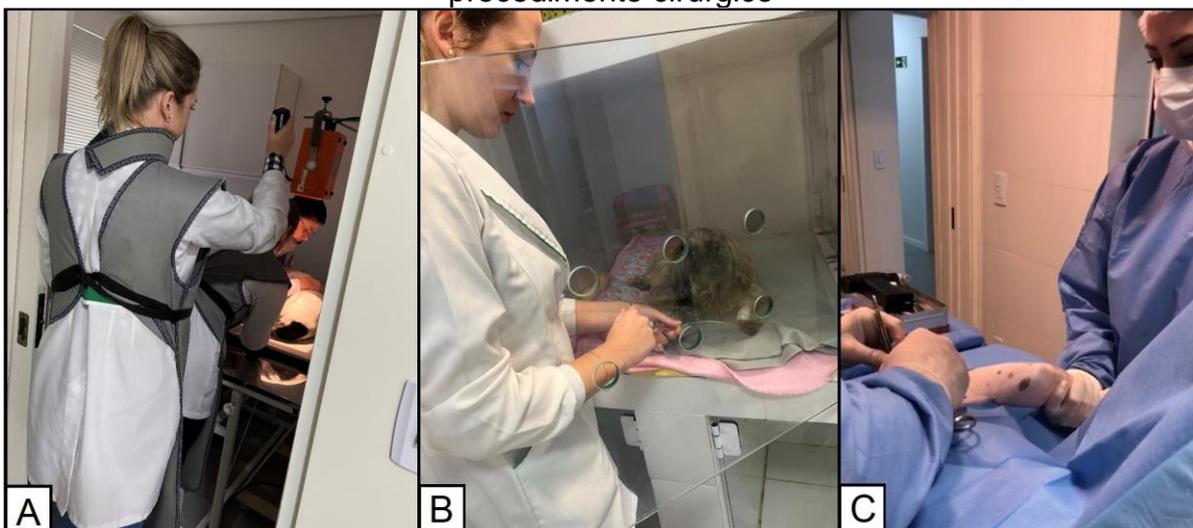
Assim, durante este período possibilitou-se ao estagiário, acompanhar as consultas médicas, realizar coleta de material biológico, realizar esterilização de material cirúrgico, auxiliar nos exames de imagem, auxiliar e/ou acompanhar procedimentos cirúrgicos além de realizar medicações e procedimentos gerais nos pacientes (Figura 9).

Ainda no que refere-se aos procedimentos gerais, pode-se listar as seguintes atividades realizadas: recepção do tutor e animal, pesagem dos animais, contenção de animais, preparação de vacinas, avaliação dos parâmetros vitais (quando

solicitado), administração de medicamentos nos animais em internação, montagem e realização de fluidoterapia, coleta de sangue (sob supervisão), coleta de urina por sonda uretral, remoção de acesso venoso, realização de curativos e limpeza de feridas além de fornecimento de alimentação via sonda ou via oral forçada. Realizou-se também entubação pré-cirúrgica, quando solicitado e sob supervisão.

Não existia um horário formal para a discussão dos casos. Estes eram realizados em variados momentos como na internação e nos consultórios das médicas veterinárias. A estagiária indagava sobre os casos, exames, tratamentos e prognósticos em qualquer momento e situação, sempre recebendo atenção e respostas das profissionais responsáveis.

Figura 9 – Atividades realizadas pela estagiária na Clínica Clínica Veterinária. A) auxílio no diagnóstico por imagem; B) administração de medicação; C) auxílio em procedimento cirúrgico



Fonte: Fernanda B. Frassetto (2023).

### 3.1.1 Casuística

Ao longo do estágio curricular, foram realizados 90 atendimentos clínicos, 87 procedimentos clínicos e 13 procedimentos cirúrgicos. Além disso, foram realizados 77 atendimentos destinados à imunização de animais.

Tabela 1 – Casuística de atendimentos clínicos, imunização, procedimentos cirúrgicos e procedimentos clínicos acompanhados durante o estágio curricular obrigatório na Clínica Clínica Veterinária

<b>Atividades gerais</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Atendimento clínico	90	33,7
Procedimentos clínicos	87	32,6
Imunização	77	28,8
Procedimentos cirúrgicos	13	4,9
<b>Total</b>	<b>267</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Fernanda B. Frassetto (2023).

Conforme a Tabela 2, foram realizados um total de 180 atendimentos entre atendimentos clínicos, procedimentos cirúrgicos e imunizações em caninos e felinos. A espécie canina apresentou maior casuística, com 128 atendimentos, destes, 52,3% eram fêmeas e 47,7% eram machos. Já na espécie felina, foram 52 animais, com maior ocorrência de machos, representando 51,9% contra 48,1% de fêmeas.

Tabela 2 – Classificação de atendimentos quanto a espécie, acompanhados em atendimentos clínicos e vacina durante o estágio curricular obrigatório na Clínica Clínica Veterinária

<b>Espécie</b>	<b>Nº</b>	<b>Macho</b>	<b>%</b>	<b>Fêmea</b>	<b>%</b>
Canino	128	61	47,7	67	52,3
Felino	52	27	51,9	25	48,1
<b>Total</b>	<b>180</b>	<b>88</b>		<b>92</b>	

Fonte: Fernanda B. Frassetto (2023).

Já em relação à casuística de atendimentos clínicos, pode-se destacar o maior número de demanda nas medidas profiláticas de imunização (vacinas), seguido das afecções gastrointestinais e seus órgãos anexos. Ambos com a espécie canina prevalente.

Tabela 3 – Casuística clínica acompanhada durante o estágio curricular obrigatório na Clínica Clínica Veterinária

<b>Casuística</b>	<b>Cães</b>	<b>Gatos</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Imunização	52	25	77	46,1
Afecções gastrointestinais e órgãos anexos	14	2	16	9,6
Afecções tegumentares	12	3	15	9,0
Afecções urinárias	6	4	10	6,0
Afecções musculoesqueléticas	7	2	9	5,4

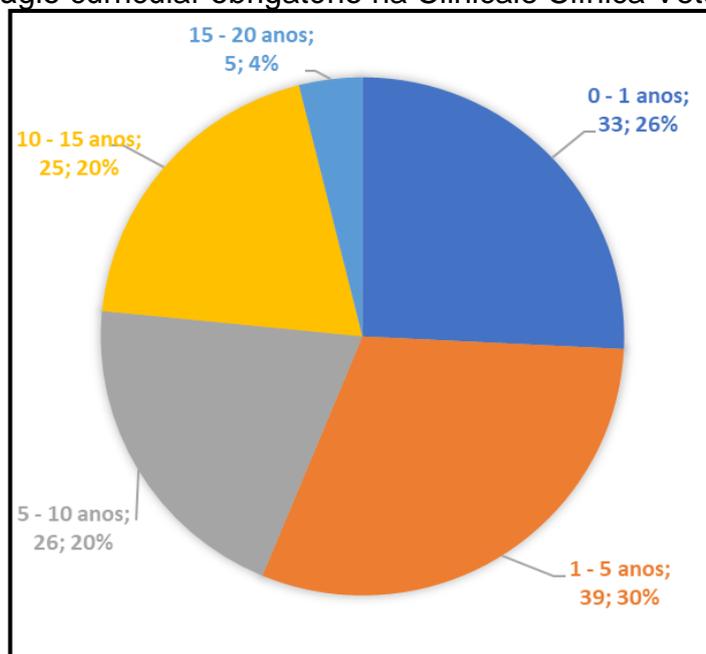
(continua)

Casuística	(conclusão)			
	Cães	Gatos	Total	%
Afecções cardiorrespiratórias	5	4	9	5,4
Afecções infectocontagiosas	7	1	8	4,8
Afecções oftalmológicas	3	3	6	3,6
Afecções odontológicas	2	4	6	3,6
Afecções oncológicas	3	2	5	3,0
Afecções genitais e reprodutivas	3	0	3	1,8
Afecções neurológicas	1	1	2	1,2
Afecções endócrinas	1	0	1	0,6
<b>Total</b>	<b>116</b>	<b>51</b>	<b>167</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Fernanda B. Frassetto (2023).

No Gráfico 1, pode-se identificar a faixa etária dos animais da espécie canina que passaram por atendimento clínico, imunização e procedimento cirúrgico, durante o estágio curricular obrigatório. Dos 128 cães atendidos, a maior casuística deu-se em pacientes entre 1 a 5 anos de idade.

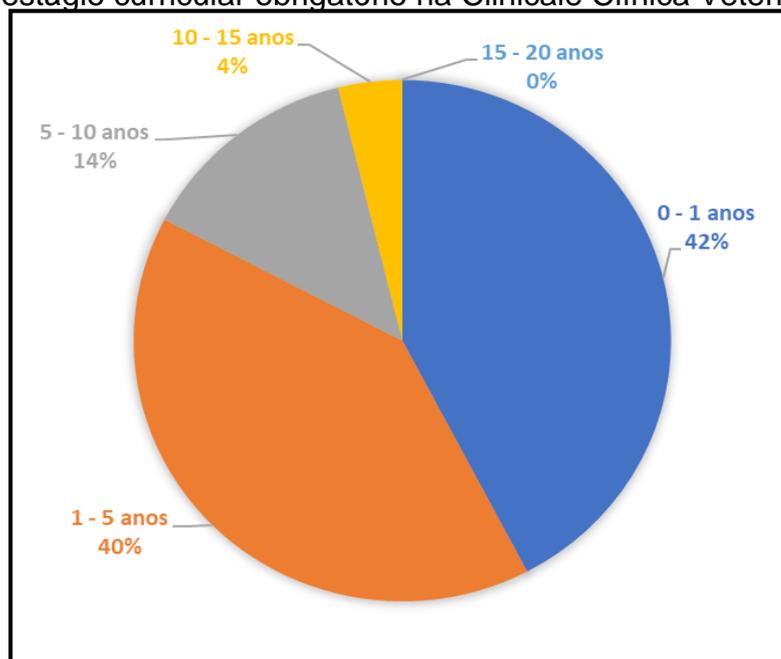
Gráfico 1 – Classificação da faixa etária quanto a espécie canina, acompanhada durante o estágio curricular obrigatório na Clinica Clínica Veterinária.



Fonte: Fernanda B. Frassetto (2023).

No Gráfico 2, identifica-se a faixa etária dos animais da espécie felina, que passaram por atendimento clínico, imunização e procedimento clínico. Dos 52 felinos atendidos, observou-se maior casuística em animais de 0 a 1 ano.

Gráfico 2 – Classificação da faixa etária quanto a espécie felina, acompanhada durante o estágio curricular obrigatório na Clinica Clínica Veterinária



Fonte: Fernanda B. Frassetto (2023).

É possível identificar na tabela 4, que no tocante das vacinas, a espécie canina deteve a maior casuística. Para os cães, o protocolo vacinal utilizado era a vacina polivalente que possui antígenos para a imunoestimulação contra a cinomose canina, hepatite infecciosa canina, parvovirose, parainfluenza e leptospirose canina. Eram realizadas três doses da vacina com intervalo de 21 dias após as seis semanas de vida.

Para os felinos, era indicado realizar o teste rápido de FeLV (vírus da leucemia felina) antes de iniciar o protocolo vacinal. Os que testavam negativo para o vírus, eram vacinados com três doses, com intervalo de 21 dias da vacina quádrupla que protege contra o vírus da rinotraqueíte, calicivirose, panleucopenia felina, leucemia felina e clamidiose. Os felinos portadores da FeLV eram vacinados com a vacina quádrupla. Para ambas as espécies era sempre indicado a realização da vacina antirrábica ao final das terceiras doses. Além disso, era realizado o reforço anual em dose única da vacina polivalente, quádrupla, ou quádrupla, juntamente com a vacina contra a raiva. Aos tutores que desejassem, a clínica oferecia também protocolo vacinal para a prevenção da *Giardia lamblia* e da *Bordetella bronchiseptica*.

Conforme explica Suhett *et al.* (2013) os cães são dependentes de seus proprietários para sua saúde e bem-estar, incluindo a realização de vacinação contra

doenças infecciosas. A vacinação é uma estratégia amplamente utilizada nos animais na garantia de sua qualidade de vida e até na prevenção de zoonoses. Para que os protocolos sejam adequadamente aplicados, é necessário que os tutores tenham conhecimento sobre os procedimentos corretos de acordo com as recomendações do médico veterinário.

Tabela 4 – Casuística de vacina acompanhada durante o estágio curricular obrigatório na Clinica Clínica Veterinária

<b>Medidas profiláticas</b>	<b>N°</b>	<b>%</b>
Vacina em cães	52	67,5
Vacina em gatos	25	32,5
<b>Total</b>	<b>77</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Fernanda B. Frassetto (2023).

Na tabela 5, referente às afecções gastrointestinais e órgãos anexos, é possível identificar a enterite como a maior casuística, atingindo sua totalidade da espécie canina. A principal queixa, baseava-se nos sintomas de diarreia, dor abdominal e inapetência. Em alguns casos específicos, de acordo com a anamnese, a médica veterinária realizava exame citofecal ou exame de fezes EPF (exame protoparasitológico de fezes).

De acordo com Rodrigues *et al.* (2018) as enterites e gastroenterites são ocorrências comuns na clínica veterinária. Podem apresentar-se de forma crônica podendo ter como causa a hipersensibilidade alimentar, doenças inflamatórias crônicas, doenças congênitas ou ainda afecções oncológicas. Já a apresentação aguda, pode ser causada pela dieta, doenças infecciosas ou parasitas. Quando diagnosticada deve ser tratada rapidamente, pois possui risco de morte ao animal, devido a desidratação e anorexia que podem ser decorrentes do quadro.

Tabela 5 – Casuística das afecções gastrointestinais e órgãos anexos acompanhadas durante o estágio curricular obrigatório na Clinica Clínica Veterinária.

<b>Afecções Gastrointestinais e órgãos anexos</b>	(continua)			
	<b>Cães</b>	<b>Gatos</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Enterite	6	0	6	40,0
Gastroenterite	2	0	2	13,3
Constipação	2	0	2	13,3

(conclusão)

<b>Afecções Gastrointestinais e órgãos anexos</b>	<b>Cães</b>	<b>Gatos</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Alergia alimentar	1	0	1	6,7
Intoxicação por chocolate	1	0	1	6,7
Intoxicação por lírio*	0	1	1	6,7
Prolapso de reto	1	0	1	6,7
Fecaloma	1	0	1	6,7
<b>Total</b>	<b>14</b>	<b>1</b>	<b>15</b>	<b>100,0</b>

\*diagnóstico presuntivo

Fonte: Fernanda B. Frassetto (2023).

As afecções tegumentares, descritas na tabela 6, mostraram-se também com considerável casuística, principalmente no diagnóstico de otite externa. A espécie canina foi a única espécie afetada durante o andamento do estágio. Dos 8 pacientes, sete deles eram da raça Shih-tzu e, um da raça Poodle. A principal queixa relatada pelos tutores era vermelhidão no pavimento auricular, prurido e forte odor.

Conforme explica Fontoura *et al.* (2014) a otite externa é um quadro de alta incidência na rotina clínica de pequenos animais, podendo acometer tanto caninos quanto felinos. É caracterizado como uma inflamação do epitélio do conduto auditivo externo, podendo ser de etiologia infecciosa ou não. Animais com conformação de orelhas pendulares são as mais propensas para o desenvolvimento do quadro. Excesso de pelo e estenose do canal auditivo também são fatores predisponentes.

Algumas raças apresentam pré-disposição para o desenvolvimento do quadro, como Cocker Spaniel, Shar-pei, Poodle, Springer Spaniel e Pastor Alemão. Qualquer animal que apresente atopia, provavelmente, apresentará otite bilateral. Animais com excesso de pelo auricular são mais suscetíveis a desenvolverem o quadro (Harvey; Paterson, 2014, tradução nossa).

Os sinais clínicos são pruridos, dor a palpação, balançar a cabeça eritema, edema, odor fétido e auto traumas por escoriações. Limpeza, controle da produção do cerúmen em excesso, além de utilização de antibacterianos ou antifúngicos aliados a anti-inflamatórios fazem parte do tratamento (Fontoura *et al.*, 2014).

Tabela 6 – Casuística das afecções tegumentares durante o estágio curricular obrigatório na Clínica Clínica

<b>Afecções Tegumentares</b>	<b>Cães</b>	<b>Gatos</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Otite externa	8	0	8	50,0
Abscesso	2	2	4	25,0
Dermatite atópica*	1	0	1	6,3
Oto-hematoma	1	0	1	6,3
Lipoma	1	0	1	6,3
Nódulo cutâneo	1	0	1	6,3
<b>Total</b>	<b>14</b>	<b>2</b>	<b>16</b>	<b>100</b>

\*diagnóstico presuntivo

Fonte: Fernanda B. Frassetto (2023).

Na tabela 7, a obstrução uretral seguida da doença renal crônica foram as maiores casuísticas. Os felinos foram totalidade no quadro obstrutivo e os caninos foram a maioria na doença renal crônica. Ambos os cães com o presente quadro vieram a óbito decorrente da doença.

Tabela 7 – Casuística das afecções urinárias acompanhadas durante o estágio curricular obrigatório na Clínica Clínica Veterinária

<b>Afecções urinárias</b>	<b>Cães</b>	<b>Gatos</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Doença renal crônica	2	1	3	30,0
Cistite	2	1	3	30,0
Obstrução uretral	0	2	2	20,0
Urolitíase em vesícula urinária	2	0	2	20,0
<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>4</b>	<b>10</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Fernanda B. Frassetto (2023).

Com relação às afecções musculoesqueléticas observadas na tabela 8, a artrose teve a maior demanda. O quadro foi observado somente na espécie canina e em animais com mais de oito anos de idade, sendo uma queixa bastante comum na clínica. Diminuição de mobilidade era a principal queixa relatada pelos tutores, seguida de dor ao manipular o animal, como pegá-lo no colo, por exemplo. Exame radiográfico era sempre indicado para o fechamento do diagnóstico e o tratamento era conservador, atuando no controle da dor. A utilização de condroitina juntamente com ômega 3, muitas vezes, era receitado pela médica veterinária como parte do tratamento, atuando na cartilagem, melhorando clinicamente o quadro.

Lamounier *et al.* (2023) explica que a osteoartrose ou doença articular degenerativa é uma afecção comum em cães e gatos que acomete, principalmente,

os membros pélvicos ou da articulação do quadril, prejudicando a qualidade de vida do animal. É uma doença progressiva, pois promove uma lenta degeneração dos componentes articulares. O diagnóstico consiste nos achados clínicos, exame físico de palpação dos membros afetados além de exames de imagem. O tratamento depende do membro afetado, grau de lesão bem como histórico do paciente.

Tabela 8 – Casuística das afecções musculoesqueléticas acompanhadas durante o estágio curricular obrigatório na Clinica Clínica Veterinária

<b>Afecções musculoesqueléticas</b>	<b>Cães</b>	<b>Gatos</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Artrose	4	0	4	44,4
Hérnia de disco intervertebral	2	0	2	22,2
Fratura tíbia a fíbula	1	0	1	11,1
Fratura fêmur	0	1	1	11,1
Fratura 3º dígito do metacarpo	0	1	1	11,1
<b>Total</b>	<b>7</b>	<b>2</b>	<b>9</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Fernanda B. Frassetto (2023).

Na tabela 9 identifica-se as afecções cardiorrespiratórias, tendo a pneumonia e a rinotraqueíte, ambas em maior prevalência em felinos, como as principais casuísticas. A principal queixa referente à rinotraqueíte eram espirros, anorexia e secreções nasais. Durante a consulta ambos os casos apresentaram febre.

Bisso; Bulling; Nicolodi (2013) referem que a rinotraqueíte felina é uma enfermidade bastante contagiosa, caracterizada por espirros, perda de apetite, e conjuntivite. O quadro pode permanecer por até três semanas, levando o animal à perda de peso e desidratação.

Tabela 9 – Casuística das afecções cardiorrespiratórias acompanhadas durante o estágio curricular obrigatório na Clinica Clínica Veterinária

<b>Afecções Cardiorrespiratórias</b>	<b>Cães</b>	<b>Gatos</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Pneumonia bacteriana*	1	2	3	33,3
Rinotraqueíte	0	2	2	22,2
Rinite alérgica*	1	0	1	11,1
Traqueíte	1	0	1	11,1
Colapso de traqueia	1	0	1	11,1
Cardiomiopatia dilatada	1	0	1	11,1
<b>Total</b>	<b>5</b>	<b>4</b>	<b>9</b>	<b>100,0</b>

\*diagnóstico presuntivo

Fonte: Fernanda B. Frassetto (2023).

Em relação às afecções infectocontagiosas descritas na tabela 10, a verminose teve sua maior prevalência, sendo elas em sua totalidade observada na espécie canina. Os tutores relatavam a identificação de vermes nas fezes dos animais. Nestes casos, era indicado a utilização de vermífugo e antipulgas para o animal.

Tabela 10 – Casuística das afecções infectocontagiosas acompanhadas durante a realização do estágio curricular obrigatório na Clinica Clínica Veterinária

<b>Afecções infectocontagiosas</b>	<b>Cães</b>	<b>Gatos</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Verminose	5	0	5	62,5
Parvovirose canina	1	0	1	12,5
Hemoparasitose	1	0	1	12,5
FeLV	0	1	1	12,5
<b>Total</b>	<b>7</b>	<b>1</b>	<b>8</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Fernanda B. Frassetto (2023).

Na tabela 11, observa-se a casuística das afecções oftalmológicas sendo a úlcera de córnea a mais prevalente. A espécie felina foi a mais acometida. Em ambos os casos, por arranhadura.

Tabela 11 – Casuística das afecções oftalmológicas acompanhadas durante o estágio curricular obrigatório na Clinica Clínica Veterinária

<b>Afecções oftalmológicas</b>	<b>Cães</b>	<b>Gatos</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Úlcera de córnea	1	2	3	50,0
Episclerite*	1	0	1	16,7
Catarata	1	0	1	16,7
Protrusão da 3ª pálpebra	0	1	1	16,7
<b>Total</b>	<b>3</b>	<b>3</b>	<b>6</b>	<b>100,0</b>

\*diagnóstico presuntivo

Fonte: Fernanda B. Frassetto (2023).

As afecções odontológicas, explicitadas na tabela 12, tiveram considerável casuística, sendo a periodontite o quadro mais comum e tendo os felinos como espécie mais atingida. A principal queixa dos tutores era perda de apetite, prostração e halitose. Os animais apresentavam dor, retração gengival e úlceras gengivais. Em todos os casos, os pacientes foram encaminhados para profissional externo especializado em odontologia, para exodontia, limpeza e tratamento dos dentes.

Tabela 12 – casuística das afecções odontológicas acompanhadas durante o estágio curricular obrigatório realizado na Clínica Clínica Veterinária

<b>Afecções odontológicas</b>	<b>Cães</b>	<b>Gatos</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Periodontite	1	3	4	66,7
Fístula dentária	0	1	1	16,7
Corpo estranho em 3º molar	1	0	1	16,7
<b>Total</b>	<b>2</b>	<b>4</b>	<b>6</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Fernanda B. Frassetto (2023).

Na tabela 13, foram evidenciadas as afecções oncológicas, tendo sua maior casuística o tumor de mama, e sua totalidade na espécie canina. Em todos os casos, o animal foi encaminhado para mastectomia. Como protocolo, na suspeita de tumor de mama, indicava-se citologia aspirativa pré-operatória a fim de identificar o tipo de tumor, verificação de diagnóstico, identificação de margens cirúrgicas e decisão terapêutica futura. Hemograma completo, bioquímico, FA, ALT, glicose, ecocardiograma e ultrassonografia também eram indicados. Era indicado também, exame histológico do material oriundo do procedimento cirúrgico. Contudo, estes exames ficavam à critério do tutor. Pela questão financeira, muitas vezes, não realizavam todos, optando somente pelo hemograma completo, bioquímico e ultrassonografia.

Tabela 13 – Casuística das afecções oncológicas acompanhadas durante o estágio curricular obrigatório na Clínica Clínica Veterinária

<b>Afecções oncológicas</b>	<b>Cães</b>	<b>Gatos</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Tumor de mama	3	0	3	50,0
Tumor de mediastino	0	1	1	16,7
Carcinoma de células escamosas*	0	1	1	16,7
Linfoma*	0	1	1	16,7
<b>Total</b>	<b>3</b>	<b>3</b>	<b>6</b>	<b>100,0</b>

\* diagnóstico presuntivo

Fonte: Fernanda B. Frassetto (2023).

Os atendimentos do sistema reprodutor identificados na tabela 14, apresentaram baixa casuística durante o atendimento clínico. O caso de piometra foi encaminhado para procedimento cirúrgico, bem como a neoplasia testicular. Já o quadro de prenhez foi o único observado durante o estágio, não necessitando de intervenção cirúrgica no parto.

Tabela 14 – Casuística dos atendimentos do sistema reprodutor acompanhadas durante o estágio curricular obrigatório na Clínica Clínica Veterinária

<b>Afecções genitais e reprodutivas</b>	<b>Cães</b>	<b>Gatos</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Piometra	1	0	1	33,3
Neoplasia testicular*	1	0	1	33,3
Prenhez	1	0	1	33,3
<b>Total</b>	<b>3</b>	<b>0</b>	<b>3</b>	<b>100,0</b>

\*diagnóstico presuntivo

Fonte: Fernanda B. Frassetto (2023).

Na tabela 15, são evidenciadas as afecções neurológicas, apresentando baixa casuística. Epilepsia idiopática e intoxicação por organofosforado foram os atendimentos clínicos realizados.

Tabela 15 – Casuística das afecções neurológicas acompanhadas durante o estágio curricular obrigatório na Clínica Clínica Veterinária

<b>Afecções Neurológicas</b>	<b>Cães</b>	<b>Gatos</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Epilepsia idiopática	1	0	1	50,0
Intoxicação por organofosforado	0	1	1	50,0
<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Fernanda B. Frassetto (2023).

As afecções endócrinas também apresentaram baixa casuística, tendo somente um caso de hipercortisolismo, com diagnóstico presuntivo, em cão. Contudo a tutora não deu andamento ao tratamento e assim, a estagiária não acompanhou a resolução do caso.

A tabela 16 refere-se aos procedimentos cirúrgicos acompanhados durante o estágio. A orquiectomia eletiva e a ovário-histeriectomia eletiva foram as maiores casuísticas. Vale ressaltar que os procedimentos cirúrgicos eram realizados, preferencialmente, no turno da manhã, cujo turno era acompanhado pela estagiária somente nas sextas-feiras. Frente a isso, os números apresentados foram referentes aos procedimentos cirúrgicos de um dia por semana ou, os quais foram realizados no turno da tarde, em caráter de emergência.

Antes da realização do procedimento cirúrgico, era indicado realização de exames de hemograma e bioquímico. Ultrassonografia e radiografia também faziam parte do protocolo, dependendo da afecção. Em cães idosos ou com ausculta cardíaca anormal, era indicado realização de ecocardiograma com profissional externo. A clínica possuía um termo de anestesia, onde era descrito a importância

destes exames e, caso o tutor não concordasse em realizar algum destes, deveria identificar o motivo.

Tabela 16 – Casuística dos procedimentos cirúrgicos acompanhados durante o estágio curricular obrigatório na Clínica Clínica Veterinária

<b>Procedimentos cirúrgicos</b>	<b>Cães</b>	<b>Gatos</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Orquiectomia eletiva	3	0	3	23,1
Ovário-histerectomia eletiva	3	0	3	23,1
Exodontia	1	2	3	23,1
Esplenectomia	1	0	1	7,7
Redução de oto-hematoma	1	0	1	7,7
Nodulectomia	1	0	1	7,7
Colocefalectomia	1	0	1	7,7
<b>Total</b>	<b>11</b>	<b>2</b>	<b>13</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Fernanda B. Frassetto (2023).

A tabela 17 identifica a casuística dos procedimentos clínicos acompanhados. Muitos deles eram realizados como parte da consulta (como venopunção, radiografia e teste rápido de FIV/FeLV, por exemplo) ou como parte da rotina dos pacientes internados.

Tabela 17 – Casuística dos procedimentos clínicos acompanhados durante o estágio curricular obrigatório na Clínica Clínica Veterinária

<b>Procedimentos clínicos</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Venopunção	34	39,1
Radiografia	12	13,8
Teste rápido FIV/FeLV	9	10,3
Retirada de pontos	7	8,0
Ultrassonografia	5	5,7
Limpeza de feridas	4	4,6
Abdominocentese	4	4,6
Sondagem uretral	3	3,4
Aferição da glicemia	2	2,3
Cistocentese	2	2,3
Alimentação sondanasal	2	2,3
Eutanásia	2	2,3
Enema	1	1,1
<b>Total</b>	<b>87</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Fernanda B. Frassetto (2023).

## 4 RELATOS DE CASOS CLÍNICOS

### 4.1 COMPLEXO GENGIVOESTOMATITE EM FELINA SEM RAÇA DEFINIDA

A odontologia veterinária tem acompanhado a rápida evolução nos procedimentos médicos na busca de melhores condições da manutenção da sanidade dos animais domésticos. Os cuidados odontológicos acabam sendo essenciais para a qualidade de vida dos animais, sendo o médico veterinário, o único profissional responsável e capacitado para fornecer tais cuidados (Ciffoni; Pachaly, 2001).

A doença periodontal, é a afecção odontológica mais comum na cavidade oral de cães e gatos, sendo caracterizada pela inflamação da gengiva (gengivite) ou pela inflamação do periodonto (periodontite), pela atuação de bactérias aeróbias que se depositam na superfície do dente, formando um biofilme, gerando um ambiente de desenvolvimento de bactérias patogênicas. O processo de gengivite pode ser revertido após tratamento, contudo, quando não tratado, este evolui para um quadro de periodontite, que é uma condição irreversível pois há perda de aderência epitelial, pela perda óssea e conseqüente mobilidade dentária. Esta afecção possui como principal fator a alimentação, visto que quanto mais sólido o alimento, maior o atrito gerado nos dentes, auxiliando na remoção do biofilme. O diagnóstico é realizado através do exame visual direto na avaliação física, podendo ser observado deposição de cálculo dentário, exposição de furca e inflamação. A radiografia intra-oral é a melhor forma de complementar o diagnóstico, auxiliando também na conduta do tratamento (Baia *et al.*, 2017).

Cada espécie apresenta uma determinada dentição, tendo sua forma e quantidade característica. Conforme seu uso, os dentes se desenvolvem de forma diferente em cada região da boca, sendo divididos em incisivos, caninos, pré-molares e molares (König; Leibich, 2012). Os dentes são estruturas que se encontram nos ossos incisivos do osso mandibular e osso maxilar. São constituídos por três tecidos rígidos, sendo eles a dentina, o esmalte e o cimento. Estes tecidos estão sujeitos a alterações metabólicas tóxicas e infecciosas (Santos *et al.*, 2012).

De acordo com Baia *et al.*, (2017) o periodonto é um conjunto de tecidos cuja função é sustentar e proteger o dente na cavidade oral. É composto pela gengiva, ligamento periodontal, cimento e osso alveolar. Estes tecidos desempenham a

função de suporte, proteção física, além de importante função na resposta inflamatória e imune do animal. Conforme explica Santos *et al.* (2012) a gengiva é considerada periodonto de proteção ao passo que o osso alveolar, o cemento e o ligamento periodontal são considerados periodonto de sustentação.

A periodontite é o resultado da resposta inflamatória da placa dentária e de suas bactérias no periodonto (Gorrel, 2008, tradução nossa). A doença periodontal acaba sendo responsável por diversos graus de inflamação e infecção dos tecidos da boca, tendo como consequência dor, eventual perda de dente e até mesmo fratura de mandíbula ou maxila. Pode ainda, gerar distúrbios sistêmicos, com comprometimento cardíaco, hepático e renal (Santos *et al.*, 2012).

Abaixo será descrito o relato de caso de periodontite numa felina, sem raça definida de 9 anos, apresentando aspectos clínicos e terapêutica, que foi acompanhada durante o período de estágio curricular obrigatório na Clinica Clínica Veterinária.

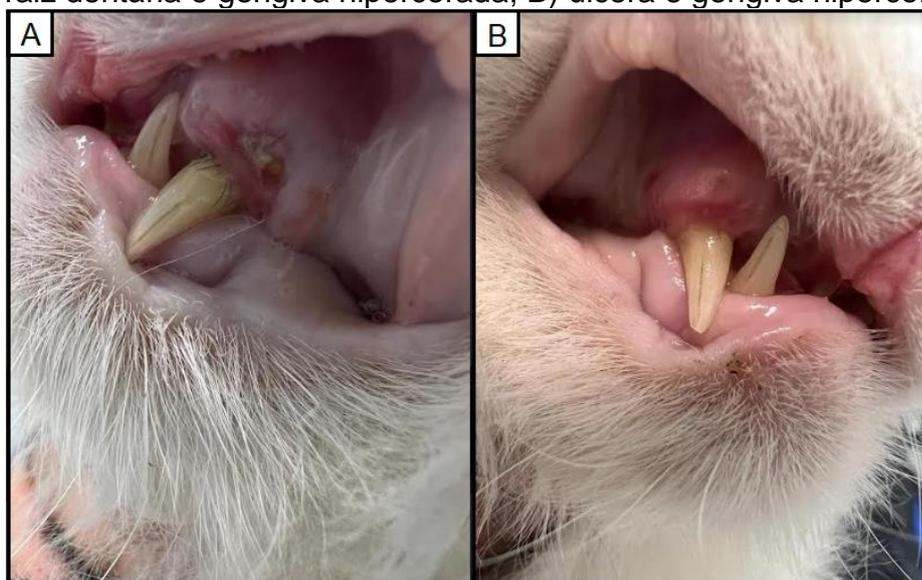
#### **4.1.1 Relato de caso**

Foi realizado atendimento a um felino, sem raça definida, fêmea, castrada, com 9 anos de idade, de 4.3 kg e vacinada, apresentando histórico inicial de inapetência. O tutor relatou que no dia anterior esteve em casa na parte da tarde e identificou que o animal não comeu e nem bebeu água, além de identificar que a gengiva estava avermelhada. Foi fornecido alguns petiscos, a qual não mostrou interesse em comer, tampouco comeu frango cozido, oferecido em outro momento pelo tutor. No turno da noite, também não observou o animal se alimentando. Também foi relatado que o animal possuía alguns dentes comprometidos. Relatou que a urina e fezes estavam normais e notou o animal mais prostrado. Possuía mais quatro gatos em casa, todos eles sem alterações.

Ao exame físico, apresentava estado geral normal, tendo ausculta cardíaca e pulmonar dentro dos parâmetros vitais esperados, e temperatura retal de 38.1°C. Contudo foi constatado úlceras nas gengivas e os dentes caninos bastante infeccionados. Apresentava retração de gengiva e gengiva hipercorada, além de halitose (Figura 10). O animal apresentou desconforto ao exame oral, evidenciando comportamento de dor ao manejo. Foi realizado somente o exame físico clínico, não havendo exames complementares para o fechamento do diagnóstico.

Por conta das úlceras orais, a médica veterinária requisitou teste rápido de ELISA para FIV (vírus da imunodeficiência felina) e FeLV (vírus da leucemia felina), tendo resultado negativo para ambos. Realizou-se hemograma completo com avaliações de ureia, creatinina e fósforo, pois suspeitou-se também de doença renal crônica devido às úlceras orais. Contudo, não foram constatadas alterações no exame hematológico tampouco no exame bioquímico.

Figura 10 – Felina, SRD, 9 anos e 4.3 kg com lesões periodontais. A) com exposição da raiz dentária e gengiva hipercorada; B) úlcera e gengiva hipercorada



Fonte: Fernanda B. Frassetto (2023).

A médica veterinária prescreveu amoxicilina com clavulato de potássio de 11.8 mg/Kg, BID, VO por 7 dias. Prednisolona 0.65 mg/Kg, SID, VO por 6 dias e dipirona monoidratada 25 mg/Kg gotas, SID por 3 dias. Também foi prescrito Periovet® spray (digluconato de clorexidina a 0,12%), sendo 1 borrifada na parte superior e inferior do lado direito e 1 borrifada na parte superior e inferior do lado esquerdo.

O animal voltou para revisão três dias depois. Apresentava melhor apetência e ausência de vômitos. A infecção havia regredido. E o animal mostrou menor sensibilidade à dor ao manejo do exame oral. Sendo assim, o animal foi encaminhado para profissional externo especializado em odontologia, para remoção dos dentes comprometidos.

Durante o procedimento pré-cirúrgico, a veterinária odontologista identificou doença periodontal grave (Figura 11), com periodontite evidente em radiografias

intraorais, além de padrão ósseo sugestivo de osteomielite com lesões de reabsorção odontoclástica. Havia também fístula oral no dente 204. O procedimento cirúrgico aconteceu quatro semanas após a consulta, realizando a exodontia de dezessete dentes, sendo eles: 303, 203, 201, 101, 104, 204, 109, 108, 107, 209, 208, 207, 409, 408, 407, 307, 306 além de uma raiz remanescente distal do dente 309. Foi realizada a curetagem dos alvéolos e confecção de flaps gengivais os quais foram suturados. Os dois dentes 304 e 404 foram curetados subgengival e supra gengival seguido de polimento com pasta profilática (Figura 12).

A dentista prescreveu 0,25 mg/Kg, SID por 3 dias, 1,4mg/kg de cloridrato de tramadol 12mg, BID por 4 dias e 11,8 mg/Kg de amoxicilina, BID por 7 dias. Também prescreveu Periovet® spray, SID por 10 dias. O animal teve alta no mesmo dia, com recomendações de alimentação macia nos primeiros dias, se necessário.

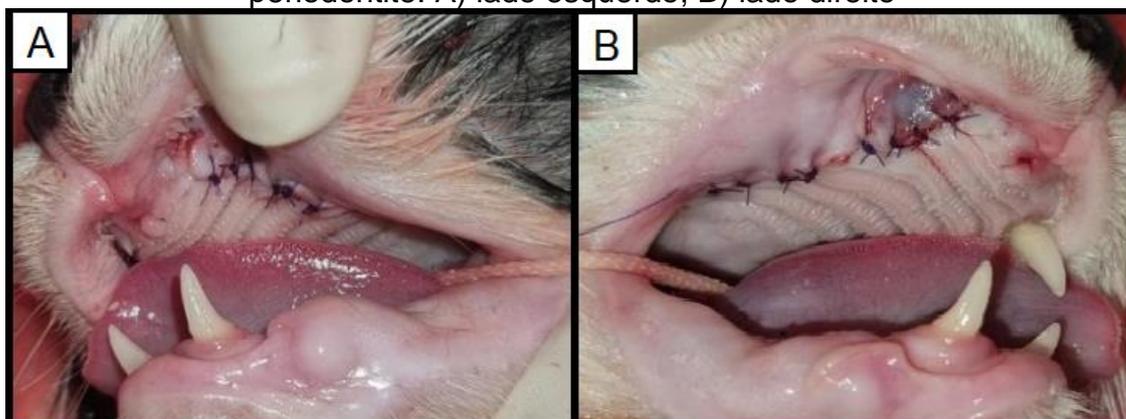
Após 15 dias do procedimento cirúrgico, o animal voltou para a revisão. Apresentava boa cicatrização e melhora na qualidade de vida, visto que estava se alimentando melhor e de forma mais frequente. Não foi indicado nenhuma restrição alimentar e, também não teve a orientação de acompanhamento dos dentes remanescentes. O paciente teve alta definitiva.

Figura 11 – Paciente felino, SRD, 9 anos e com doença periodontal. A) lado esquerdo; B) lado direito



Fonte: M. V. Ma. Manoela Bianchi (2023).

Figura 12 – Paciente felino após exodontia dos dentes comprometidos pela periodontite. A) lado esquerdo; B) lado direito



Fonte: M. V. Ma. Manoela Bianchi (2023).

#### 4.1.2 Discussão

No presente relato a felina apresentava sinal de dor. Assim, a dor é sempre acompanhada por manifestações de defesa do animal como medo, estado de alerta, agressão ou até mesmo fuga. A sensação dolorosa é sempre associada a uma lesão, situação característica da dor aguda e, passa a ser considerada dor crônica, quando uma determinada lesão não é identificada e tratada (Oliveira, 2012). O tratamento da dor inicia-se no exame físico, na avaliação da dor, bem como na identificação de outros possíveis sintomas adjuntos a ela (Posso; Ashmawi, 2012). Desta forma, no caso clínico, tratou-se a dor, bem como a periodontite, visto que ambos possuíam impacto na saúde da felina.

Durante o exame clínico, considerou-se a possibilidade do paciente ser FIV/FelV positivo associado a lesão oral. Conforme explica Gorrel (2008, tradução nossa) sabe-se que a inflamação de mucosas em felinos dá-se, principalmente, pela presença do vírus da FIV e da FeLV, além da doença renal crônica, devido aos elevados níveis de ureia. Diante destas possibilidades diagnósticas, o animal pode padecer de grande inflamação gengival devido à mínima quantidade de placa bacteriana. Desta forma, tais enfermidades devem ser excluídas antes do tratamento odontológico ser iniciado. A presença de FeLV traria maiores dificuldades ao caso, visto que o animal seria permanentemente suscetível a infecções. Murphy; Beel; Soukup (2020, tradução nossa) ressaltam que os animais com vírus da FeLV podem resultar numa variedade de infecções incluindo estomatites ulcerativas, a qual pode ser bastante severa acarretando perdas dentárias, anorexia e emagrecimento.

A possibilidade da doença renal crônica, estaria ligada à uremia associada à estomatite a qual desencadearia múltiplos focos de úlceras pois é uma das manifestações sistêmicas mais comuns devido ao alto nível de ureia no sangue. As bactérias orais são capazes de produzir urease em níveis citotóxicos de amônia advinda da ureia excretada na saliva. A uremia pode causar focos necróticos na gengiva, gerada pela vasculite e trombose, além de manifestar hálito urêmico. A doença renal crônica deve ser um diagnóstico diferencial nos gatos com úlceras orais, juntamente com sintomas de anorexia (Murphy; Beel; Soukup, 2020, tradução nossa). Sabendo desta possibilidade, foi requisitado exames de hemograma e bioquímico. Ultrassonografia e urinálise também seriam exames complementares na investigação da doença renal crônica.

Conforme observado, a doença periodontal é um termo geral para lesões de placa bacteriana que culminam em lesões que afetam o periodonto. A progressão resulta num processo de reabsorção da porção alveolar. Assim, esta destruição alveolar é identificada através de exames orais radiográficos. O diagnóstico da periodontite acontece, inicialmente, de forma clínica, e preferencialmente, com o animal sob anestesia. Somando a isto, o exame radiográfico, confirma o diagnóstico e o grau de destruição do alvéolo. Assim possibilita-se o diagnóstico entre gengivite e periodontite. A periodontite apresenta lesão profunda observada radiograficamente, já a gengivite é caracterizada pela retração da gengiva, sem comprometimento alveolar e ósseo (Gorrel, 2008, tradução nossa).

Costa *et al.* (2022) ressalta que o exame clínico é baseado na inspeção oral dos dentes, bem como na palpação dos mesmos para possível identificação de mobilidade dentária. A avaliação radiográfica intraoral possibilita a identificação das estruturas dentárias, dos tecidos, bem como a observação da densidade óssea.

A osteomielite observada pela radiografia intraoral é, frequentemente, identificada em carnívoros e está associada ao extenso acúmulo de placa bacteriana no dente. É definido pela perda de osso alveolar bem como a perda da adesão do epitélio da gengiva à junção do dente. A osteomielite é comum na periodontite, sendo descrita como um quadro degenerativo e inflamatório desta enfermidade. Grandes quantidades bacterianas juntamente com células inflamatórias adjacentes resultam no surgimento da osteomielite. A reabsorção odontoclástica, também observada no laudo, pode resultar em um abscesso que está frequentemente localizado no ápice da raiz do dente (Murphy; Beel; Soukup, 2020, tradução nossa).

A etiologia da periodontite é essencialmente a placa bacteriana. Diversas colônias bacterianas formam um biofilme, que se acumulará no periodonto. Assim, a doença possui dois estágios, sendo eles a gengivite e a periodontite. Gengivite é a forma inicial da doença, cuja inflamação concentra-se nos tecidos da gengiva. Desta forma, não há inflamação envolvendo o ligamento periodontal, tampouco o osso alveolar. O quadro de gengivite possui seu tratamento com profilaxia e cuidados diários. Já a periodontite é o estágio mais avançado da doença, sendo definido como uma doença inflamatória das estruturas mais profundas do dente, causados por microrganismos e o tratamento consiste na extração dos dentes acometidos para assegurar a saúde bucal do animal, visto que ocorre a perda da sustentação óssea do dente (Niemic, 2013, tradução nossa).

Conforme afirma Costa *et al.* (2022) as medidas profiláticas podem acontecer através utilização de brinquedos, ossos e cremes dentais específicos. Contudo, a forma mais eficaz para a prevenção da placa bacteriana dá-se com a escovação diária dos dentes do animal para manter sua saúde clínica. Uma dieta balanceada e própria também colabora para a saúde bucal do paciente. Consultas periódicas ao médico veterinário dentista, também se faz importante para a prevenção de qualquer doença periodontal.

#### 4.2 OBSTRUÇÃO URETRAL EM FELINO MACHO

As doenças do trato urinário inferior (DTUIF) é um dos quadros mais encontrados na medicina de felinos e este termo tem sido utilizado para descrever sinais clínicos relacionados com problemas na eliminação da urina. Como causas da DTUIF pode-se citar cistite idiopática felina, urolitíase, tampões uretrais, anomalia anatômica, neoplasia, infecção e problemas comportamentais. Estilo confinado de vida e alimentação com ração seca são fatores de risco associados ao quadro (Little, 2018).

A DTUIF é uma enfermidade proveniente de várias desordens do trato urinário inferior dos felinos. Os órgãos acometidos são a vesícula urinária, ureteres e uretra, podendo ocorrer hematúria, disúria ou obstrução uretral tendo como possível resultado lesões nesses locais. A obstrução por urólitos ou pelo tampão mucoso é a forma mais severa da DTUIF, visto que o quadro compromete rapidamente a saúde do animal (Schmicler *et al.*, 2022).

Sampaio *et al.* (2020) ressalta que a obstrução uretral é caracterizada como um quadro de emergência, muito observado em felinos, pois pode causar lesões renais agudas. Sua causa pode ser mecânica, anatômica (a uretra é mais longa e estreita) ou funcional e possui como principais sintomas a periúria, estrangúria além de excesso de lambedura dos genitais pelo animal. O diagnóstico, é realizado através do exame físico e de imagem e o início do tratamento deve ser imediato e intensivo sob o risco de a doença evoluir rapidamente para o óbito. O objetivo do tratamento é realizar sondagem uretral para desobstrução, fornecer analgesia e reestabelecer os distúrbios hidroeletrólíticos.

Montanhim *et al.* (2019), afirma que a obstrução uretral em felinos é um quadro rotineiro e bastante comum para clínicos e cirurgiões. Relacionando a isto, Marshall (2011, tradução nossa) ressalta que o quadro obstrutivo em gatos está sendo mais frequentemente diagnosticado nos últimos dez anos, sendo sempre um desafio para os profissionais da área. Desta forma, na obstrução uretral é importante reestabelecer o fluxo urinário dentro de 24 a 48 horas para que não haja complicações severas ou até mesmo permanentes no animal.

O presente caso possui o propósito de relatar um quadro de obstrução uretral, seus aspectos clínicos e terapêutica, em felino acompanhado durante o estágio curricular.

#### **4.2.1 Relato de caso**

Foi atendido na Clinica Clínica Veterinária, um felino, macho, não castrado, SRD, de 1 ano de idade, com 3,4kg e sem testagem de FIV e FeLV. Durante o atendimento, a tutora relatou que estava apático e sem sustentar-se em estação (Figura 13). Relatou que não o via comer e beber água há três dias. Também não o viu urinar nos últimos três dias antes da consulta e estava vomitando. Relatou ainda que o animal possui acesso à rua. Indagada, disse não saber o nome da ração que o animal utilizava, visto que comprava a granel e mudava todos os meses a marca pelo valor.

Durante o exame físico constatou-se depressão de consciência e estupor. Na palpação, identificou-se vesícula repleta. Apresentava frequência cardíaca de 120 bpm e temperatura de 35.4°C. Diante destes sinais, pensou-se no quadro obstrução uretral.

Figura 13 - Felino, SRD, macho de 1 ano e 3,4 kg em decúbito lateral durante o atendimento inicial devido a obstrução uretral



Fonte: Fernanda B. Frassetto (2023).

O animal foi levado imediatamente à fluidoterapia com ringer lactato a 15 gotas/15seg., para estabilização visto que apresentava 6% de desidratação. Foi utilizado medicação pré-anestésica com acepromazina 0,01 mg/Kg, IM e metadona 0,25 mg/Kg, IM. A indução anestésica foi realizada com propofol 2 mg/Kg. Foi realizado bloqueio com lidocaína no nervo pudendo com 0,4 ml no lado esquerdo e 0,4 ml no lado direito. Durante o procedimento, o paciente ficou em infusão com propofol na TIVA (anestesia total intravenosa). Realizou-se cistocentese, onde foi retirado 20 ml de urina e encaminhado para urinálise (Figura 14), não sendo realizados exames antes deste procedimento. Foi realizada sondagem uretral, com o paciente posicionado em decúbito dorsal e realizado antissepsia do pênis com clorexidine. Após, o pênis do animal foi exposto com gel lubrificante e utilizou-se cateter 24G para a sondagem. Realizada a passagem do cateter, utilizou-se sonda uretral 4 para a sondagem permanente do paciente, retirando-se 300 ml de urina no

primeiro momento (Figura 15). Como continuidade do tratamento, foram administrados os seguintes medicamentos: Cerenia® (citrato de maropitant) 1 mg/Kg, IV, SID, por 3 dias, ampicilina sódica 20 mg/kg, IV, BID, por 3 dias, ondasetrona 0.5 mg/Kg, IV, BID, nas primeiras 24h, metadona 0,15 mg/Kg, SC, SID, nas primeiras 24h e dexametasona, 0.15 mg/Kg, IV, a cada 48h, por 4 dias. Foi utilizado também dipirona sódica 25 mg/Kg, SID, por 4 dias.

Figura 14 - Material coletado por cistocentese do felino, SRD, macho de 1 ano e 3,4 kg apresentando urina de cor avermelhada escura



Fonte: Fernanda B. Frassetto (2023)

Figura 15 – Sondagem uretral em felino, SRD, macho de 1 ano e 3,4kg durante desobstrução



Fonte: Fernanda B. Frassetto (2023)

O felino permaneceu internado, e no segundo dia, realizou-se fluidoterapia de 10,2 ml/h, com 3 gotas/15 seg., sendo esta uma taxa para a manutenção da vida, visto que estava sem diarreia e sem vômito. As lavagens vesicais através da sonda uretral, continuaram ao longo da internação (Figura 16).

Figura 16 – Conteúdo da lavagem vesical apresentando coloração avermelhada no segundo dia de internação do felino, SRD de 1 ano e 3,4 kg



Fonte: Fernanda B. Frassetto (2023).

Foi realizado hemograma, avaliação bioquímica e coleta de urina por cistocentese para urinálise. A tutora não autorizou exame de ultrassonografia, e teste rápido de FIV/FeLV devido à questão financeira. Observou-se aumento da creatinina (29,0 mg/dL, referência: 0,50 a 1,80 mg/dL), aumento do fósforo (22,4 mg/dL, referência: 4,5 a 8,1 mg/dL), além de aumento da ureia (500 mg/dL, referência: 10 a 60 mg/dL). Já em relação ao EQU, a amostra apresentou cor sanguinolenta, aspecto levemente turvo, densidade 1015 (referência: 1.035 a 1.045) e pH 8,0 (referência: 5,5 a 7,5). Apresentou bacteriúria moderada e cilindros granulosos. Havia presença de hemácias (+100, referência: 1 a 3/campo) e cristais de fosfato triplo magnésiano. Havia ainda presença de células epiteliais renais.

No primeiro dia de internação, foram retirados um total de 220 ml de produção de urina em quatro horários diferentes. No segundo dia o animal já apresentava melhora, visto que não estava mais em estupor e, foram retirados 300 ml totais também em quatro horários distintos e, no terceiro dia, foram retirados 372 ml em três horários diferentes. A lavagem era realizada com 20 ml de soro fisiológico aquecido.

Após 3 dias, foi retirada a sonda uretral e também foi realizada um ultrassom *fast*, na vesícula urinária, para visualização de possíveis cálculos. Contudo, estes não foram identificados, mas sim um coágulo de considerável extensão. Também não foram realizados novos exames de ureia, creatinina e fósforo, devido a indisponibilidade de recursos.

O animal teve alta no quarto dia de internação, e seguiu com as seguintes medicações prescritas: meloxicam, 0,05mg/Kg, SID, por 5 dias e amoxicilina com clavulanato de potássio, 15 mg/Kg, BID, por 10 dias. Foi recomendado o fornecimento de ração de boa qualidade, observação da ingestão de água além da repetição dos exames realizados durante a internação.

#### **4.2.2 Discussão**

No presente caso, pensou-se num quadro de obstrução uretral pelos sinais clínicos, informações obtidas com a tutora e pela verificação das lesões em vesícula urinária. A tutora não estava observando o animal urinar, com prostração, sem ingestão de água e sólidos. Assim, conforme explica Marshall (2011, tradução nossa) no quadro obstrutivo, o animal pode apresentar estupor, letargia, anorexia, êmese e ainda pênis hiperêmico, devido à lambadura excessiva. Devido ao grande desconforto, alguns problemas de comportamento também podem ser observados como severa dor abdominal, contrações e vocalizações. No exame físico, quase sempre é constatado vesícula urinária firme e dor à palpação.

Com a obstrução da uretra, a vesícula urinária passa a ficar distendida além de sua capacidade anatômica usual, levando a um aumento da pressão intravesical, fazendo com que a urina ascenda novamente aos rins, opondo-se à filtração glomerular. Desta forma, há um comprometimento da capacidade da concentração tubular, juntamente com a regulação do sódio e a capacidade de reabsorção da

água, prejudicando a excreção de elementos como ácidos e potássio, tendo como resultado, a uremia, acidose e hipercalemia (Montanhim *et al.*, 2019).

Pode-se citar ainda que o aumento da ureia, creatinina e fósforo caracterizam uma injúria renal aguda. A lesão é caracterizada como a diminuição da função renal, podendo ocorrer em horas ou até mesmo dias. Acarreta na diminuição da função dos rins, visto que não possui mais a capacidade de excretar resíduos metabólicos e de regular o equilíbrio hidroeletrólítico (Rufato; Lago, 2011).

Conforme explica Sant'Ana *et al.* (2022) animais com fluxo urinário interrompido por determinado tempo, podem desenvolver azotemia pós-renal. Isto acontece pelo fato da ureia e creatinina não serem adequadamente filtradas pelos glomérulos renais, voltando assim, a difundir-se na corrente sanguínea. Desta forma, pode-se afirmar que quanto menor o fluxo urinário, maior será a reabsorção de ureia e creatinina pelo organismo. Pode-se relacionar os sinais apresentados pelo paciente com o quadro de azotemia pós-renal e uremia, pois apresentou êmese, desidratação, anorexia, estupor e letargia.

Gatos machos caracterizam-se anatomicamente por apresentarem frequentemente este quadro, principalmente pelo fato de possuírem presença de urólitos e tampões uretrais que podem obstruir o fluxo uretral favorecidos ao diminuído diâmetro luminal e da elasticidade da uretra peniana (Dibartola; Westropp, 2015). Assim, conforme explica Rezende *et al.* (2019) a urolitíase é caracterizada por cálculos em qualquer parte do trato urinário, proveniente da interação de vários metabólitos na urina. De acordo com Sampaio *et al.* (2020) a obstrução uretral por tampões pode ser decorrente de infecções urinárias ou inflamações por cristalúria, resultando na deposição de cristais, proteínas, glóbulos vermelhos e leucócitos.

No exame realizado através da cistocentese, constatou-se hemácias, cor vermelha e cristais de fosfato triplo magnésiano (estruvita). Conforme relata Little (2018) os urólitos são solidificações organizadas, contendo principalmente cristaloides juntamente com uma pequena matriz orgânica. A urina, geralmente, encontra-se com significativa concentração destes cristaloides de modo que, por si só, estes cristais não configuram uma doença a ser tratada a menos que esteja associada a sinais clínicos.

Ainda conforme Little (2018) os urólitos de estruvita, ocorrem em maior frequência e, comumente, se formam na urina estéril do gato. De forma geral, tais cálculos ocorrem em gatos jovens, com máximo de 7 anos de idade. O animal do

caso relatado, possuía 1 ano de idade, corroborando com os dados da literatura. A formação dos cristais de estruvita é influenciada pelo pH alcalino da urina e pela concentração da mesma. A formação destes, podem ser desencadeados por uma alimentação com ração de alto teor de magnésio, fósforo, cálcio e teor moderado de proteína, além de baixo teor de gordura. Tais elementos aumentam o pH da urina, tornando-a alcalina. Tais informações lincam-se com o histórico do paciente o qual não possuía uma alimentação com ração adequada.

Relacionando as informações descritas acima, pode-se observar que no exame de EQU, o pH mostrou-se 8 indicando ser alcalino e possuindo cristais de estruvita. Assim, ainda poderíamos relacionar à provável baixa qualidade da ração fornecida ao desenvolvimento do quadro. Quando o pH urinário for abaixo de 6,1 (ácido) pode ocorrer cristais de oxalato e quando o pH for acima de 6,5 (alcalino) formam-se cristais de estruvita (Yepes; Freitas; Gomes, 2019).

Juntamente com o exame físico e com os exames laboratoriais, pode-se contar com outros métodos de auxílio diagnóstico como exames radiográficos e de ultrassom. Neste último é possível observar sedimentos, espessamento vesical, urólitos, coágulos e hidronefrose (Sampaio *et al.*, 2020). Já o exame radiográfico, pode ser útil na detecção de urólitos os quais se mostrarão radio opacos além de determinar o tamanho e formato dos rins e vesícula urinária bem como a integridade do trato urinário (Marshall, 2011, tradução nossa).

Conforme afirma Sant'Ana *et al.* (2022) o tratamento é baseado na fluidoterapia intravenosa, analgesia, reestabelecimento do fluxo urinário e correções das alterações desenvolvidas. Little (2018) relata que o padrão de cuidados para os felinos com este quadro seja pelo alívio através do cateterismo uretral, com frequência envolve a internação estendida e, após estabilização, o monitoramento contínuo é baseado na avaliação da hidratação, temperatura, estado mental e produção de urina. A uretostomia perineal deve ser um procedimento indicado quando houver estenose uretral, traumatismo uretral ou peniano.

Foi recomendado o fornecimento de ração de boa qualidade, com fornecimento adequado de proteína, além da indicação da repetição dos exames anteriormente realizados, juntamente com o exame ultrassonográfico para acompanhamento do coágulo existente. A observação da ingestão hídrica e limpeza contínua da caixa de areia também foram indicados. Sampaio *et al.* (2020) ressalta que o manejo ambiental em gatos com histórico de obstrução uretral é de suma

importância, aumentando o número de caixas de areia, bebedouros, além de frequente higienização a fim de que o animal urine e beba água com frequência, para diminuir a formação de novos cristais.

Durante a discussão do caso com a médica veterinária responsável pelo caso, ressaltou-se que para a conclusão ideal do tratamento, seria importante repetir os exames bioquímicos, cistocentese e urinálise após 30 ou 60 dias para acompanhamento e identificação de lesão renal. Este tipo de controle, não foi realizado pela questão financeira da proprietária, contudo ressalta-se a importância dos testes pós desobstrução do animal, bem como pós alta do paciente. Little (2018) recomenda o monitoramento de rotina com urinálise, radiografia e ultrassonografia para a detecção inicial de recorrência. A reavaliação é necessária a cada três meses e a urinálise deve ser monitorada quanto ao pH, cristalúria e densidade. O pH ideal encontra-se abaixo de 6,5 e a densidade abaixo de 1,030. Em casos de cristais de estruvita, é recomendado o uso de ração renal para a dissolução dos cálculos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio curricular obrigatório em Medicina Veterinária é um período de grande oportunidade de colocar em prática os conhecimentos adquiridos durante a graduação. É através das rotinas clínicas, que o aluno se aproxima da realidade da profissão. É também um momento de amadurecimento pessoal, além de ser um período de possíveis escolhas dentro da área da Medicina Veterinária.

O local em questão, proporcionou ao estagiário acompanhar diversas rotinas clínicas e seus desdobramentos, além de proporcionar contato com profissionais externos de várias especialidades como nefrologia, ortopedia, oftalmologia, odontologia e ultrassonografia.

Durante o estágio, foi possível acompanhar um caso de periodontite em felino e um caso de obstrução uretral também em felino, ambos considerados um quadro rotineiro na clínica veterinária. Os casos descritos necessitam de acompanhamentos específicos para suas devidas resoluções. Pôde-se observar também, que a vacina foi a casuística de maior prevalência na rotina da clínica em questão e, nos procedimentos cirúrgicos, a orquiectomia eletiva e ovário-histerectomia eletiva mostrou-se com maior prevalência. Durante o estágio, a espécie canina foi a mais atendida.

Desta forma, considera-se que o estágio foi muito satisfatório para o aluno, visto que proporcionou contato tanto com as práticas clínicas quanto com os profissionais da área. O contato com os tutores também contribuiu para o desenvolvimento do futuro profissional.

## REFERÊNCIAS

- BAIA, J. D. *et al.* Doença periodontal em cães: revisão de literatura. **Scientific Eletronic Archives**, Mato Grosso, v. 10, n. 5, p. 150-162, out. 2017.
- BISSO, A., BULLING, C., NICOLODI, P. Rinotraqueíte infecciosa felina – revisão. **Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, 2011.
- CIFFONI, E. M. G.; PACHALY, J.R. Considerações históricas e legais sobre a odontologia veterinária no Brasil. **Arquivos de Ciências Veterinárias e Zoologia da UNIPAR**, v. 4, n. 1, 2001.
- COSTA, V.G. *et al.* Doença periodontal e saúde bucal em animais de companhia: uma revisão de literatura. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 15, 2022, ISSN 2525-3409
- DIBARTOLA, S., WESTROPP, J. Doenças do trato urinário. In: Nelson, R., Couto, C. **Medicina interna de pequenos animais**. 5 ed. São Paulo: Elsevier, 2015, p. 698-702.
- FONTOURA, E. G. *et al.* Otite externa em Pequenos Animais: Revisão de Literatura. **Medvop – Revista Científica de Medicina Veterinária – Pequenos Animais e Animais de Estimação**. 2014; 12(40); 1-637.
- GORREL, C. Saunders Solutions in Veterinary Practice. **Small Animal Dentistry**. Saunders Elsevier, 2008. p. 45-89.
- HARVEY, R. G.; PATERSON, S. **Otitis externa – na essential guide to diagnosis and treatment**. Taylor & Francis Group, 1st ed, LLC, 2014, 21 p.
- KÖNIG, H. E.; LIEBICH, H.G. **Anatomia dos Animais Domésticos**. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2011, 330 p.
- LAMOUNIER, R. A. *et al.* Osteoartrose de quadril em cães e gatos: Revisão. **Pubvet – Medicina Veterinária e Zootecnia**. v. 17, n. 02, a1347, 2023, p.1-13.
- LITTLE, S. **O gato: medicina interna**. 1 ed. Rio de Janeiro: Rocca, 2018. p. 943-944-955-958-965-966
- MARSHALL, R. Ureteral Obstruction. *In*: Norsworthy, G. *et al.* **The Feline Patient**. 4 ed. Wiley-Blackwell, 2011, 526 p.
- MONTANHIM, G. L. *et al.* Protocolo emergencial para manejo clínico de obstrução uretral em felinos/ Emergency protocol for clinical management of urethral obstruction in felines. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP/Journal of Continuing Education in Animal Science of CRMV-SP**. São Paulo: Conselho Regional de Medicina Veterinária. v. 17, n. 3, p. 22-28, 2019.

MURPHY, B. G.; BEEL, C. M.; SOUKUP, J. W. **Veterinary Oral and Maxillofacial Pathology**. Wiley Blackwell, 2020. p. 56-68-72.

NIEMIEC, B. A. **Veterinary Periodontology**. 1st. John Wiley & Sons, Inc. 2013, 24 p.

OLIVEIRA, F. L. Fisiopatologia da Dor Crônica. *In*: Fantoni, D. **Tratamento da Dor na Clínica de Pequenos Animais**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, 74 p.

POSSO, I. P.; ASHMAWI, H. A. Princípios gerais no tratamento da dor. *In*: Fantoni, D. **Tratamento da Dor Clínica de Pequenos Animais**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, 48 p.

REZENDE, A., *et al.* Emprego do cateter uretral duplo J em complicações por cálculos. **PUBVET-Medicina Veterinária e Zootecnia**. V. 13, n. 7, a364, p. 1-10, Jul., 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.31533/pubvet.v13n7a364.1-10>. Acesso em: 01 de outubro de 2023.

RODRIGUES, M. D., *et al.* Gastroenterite canina: principais agentes etiológicos. **Ciência Veterinária UniFil**, v. 1, n. 2, abr./jun. 2018. Disponível em: <http://periodicos.unifil.br/index.php/revista-vet/article/view/51/45>. Acesso em: 25 de outubro de 2023.

RUFATO, F. H., LAGO, N.C. Insuficiência renal em cães e gatos. **Interdisciplinar: Revista Eletrônica da Univar**. n. 6, s.v., p. 167-173, 2011. ISSN: 1984-431x. Disponível em: <http://revista.univar.edu.br>. Acesso em: 03 de outubro de 2023.

SAMPAIO, K. O., *et al.* Obstrução uretral em gatos. **Veterinária e Zootecnia**. 2020; 27:001-011. ISSN: 2178-3764. Disponível em: <users/fabri/Downloads/531-Texto%20%artigo-2782-3406-10-20220214.pdf>. Acesso em: 20 de setembro de 2023.

SANT'ANA, L. M. *et al.* Ruptura vesical parcial secundária à obstrução uretral em felino – relato de caso. **Revista de Medicina Veterinária do UNIFESO**. v.2, n. 1, 2022, ISSN 2764-3263.

SANTOS, N. *et al.* Doença periodontal em cães e gatos – Revisão de literatura. **Medvep – Revista Científica de Medicina Veterinária – Pequenos Animais e Animais de Estimação**, v.10, n. 32, 2012, p. 30-41.

SCHMICKLER, F. M. S., *et al.* DTUIF – uma doença de felinos. **Revista Eletrônica Multidisciplinar – UCP**. v. 7, n. 4, 2022, ISSN 2179-5169.

SUHETT, W. *et al.* Percepção e atitudes dos proprietários quanto a vacinação de cães na região sul do estado do Espírito Santo – Brasil. **Braz. J. Vet. Res. Amim. Sci.**, São Paulo. v. 50, n. 1, 2013, p. 26-32.

YEPES, G., FREITAS, N., GOMES, D. Obstrução uretral em felinos. **Revista Científica Unilago**. V.1, n.1, 2019.

**ANEXO A - LAUDO DA M. V. MA. MANOELA M. BIANCHI DE FELINO, MACHO,  
COM PERIODONTITE**

(continua)



**Paciente: Lila**

**Dental Pet Care**

Paciente com doença periodontal grave, apresentando diversas ausências dentárias, presença de periodontite evidente em radiografias intraorais, com padrão ósseo sugestivo de osteomielite, presença de lesões de reabsorção odontoclástica felina, mais evidentes em raízes dentárias, presença de fístula intraoral em região de dente 204. Realizada a exodontia dos dentes 303, 203, 202, 101, 104, 204, 109, 108, 107, 209, 208, 207, 409, 408, 407, 307, 306 e raiz remanescente distal de dente 309. Realizada a curetagem dos alvéolos, alveoplastia e confecção de flaps gengivais os quais foram suturados com poliglecaprone 5-0 em padrão isolado simples. Os dentes 304 e 404 foram curetados sub e supra gengival seguido por polimento com pasta profilática.



**ANEXO A - LAUDO DA M. V. MA. MANOELA M. BIANCHI DE FELINO, MACHO,  
COM PERIODONTITE**

(conclusão)



**Dental Pet Care**  
Odontologia Veterinária

M. V. Ma. Manoela M. Bianchi  
CRMV/RS 13.163  
Pós- graduada em Odontologia Veterinária pela Ancilvepa/SP  
Caxias do Sul, 01/09/2023

## ANEXO B - EXAME QUALITATIVO DE URINA DE FELINO, MACHO, SRD

		Laboratório para quem é apaixonado por saúde animal	
Código.....: 0034149		Data de Aten.: 11/08/2023	
Animal.....: LUCK		Espécie.: FELINA	
Raça.....: SRD		Sexo.....: M	
Tutor.....: ROSELANDIA CAVALCANTE		Idade...: 2 Anos 0 Dias	
Solicitante.: Dr(a)Adriana Gaffrée Leon CRMV - 14780		Clínica.: CLINICALE CLÍNICA VETERINÁRIA	
<b>EXAME QUALITATIVO DE URINA</b>			
<b>Método:</b> Análise físico, fita reativa e microscopia			
<b>Material:</b> Urina			
<b>Método de coleta:</b> Cistocentese			
<b>ANÁLISE FÍSICA</b>		<b>Valores de Referência</b>	
Volume .....	20,0	10 ml	
Cor .....	Sanguinolento	Amarelo citrino	
Aspecto .....	Levemente Turvo	Límpido	
Odor .....	Sui Generis	Sui Generis	
Densidade .....	1015	1.035 a 1.045	
<b>ANÁLISE QUÍMICA/SEDIMENTO</b>			
pH .....	8,0	5,5 a 7,5	
Nitrito .....	Negativo	Negativo	
Proteínas .....	+++	(+) até 30 mg/dL	
Glicose .....	Negativo	Negativo	
Cetonas .....	Negativo	Negativo	
Bilirrubinas .....	Negativo	Negativo	
Urobilinogênio .....	Normal	Normal	
Sangue .....	+++	Negativo	
<b>SEDIMENTOSCOPIA</b>			
Filamentos de muco.....	Ausentes	Ausentes	
Bactérias .....	Moderada	Ausentes	
Cilindros.....	Granuloso: 1 p/c	Ausentes	
Hemácias .....	+100	01 a 03 / campo 40x	
Leucócitos .....	02	01 a 02 / campo 40x	
Cristais.....	Fosfato triplo magnésiano +	Ausentes	
Células.....: Epitelial renal: 1 p/c			
Observações:			
			
		<b>Gislaine K. Neitzke</b> <b>Médica Veterinária</b> <b>CRMV-RS 20849</b>	
VETIS R. Tronca, nº 2929 Bairro Rio Branco CEP 96010-100 Casilas do SulRS Brasil ☎ (54) 98265.6335 🌐 contatos@vetis.com.br		<b>MARINA KERPEN</b> <b>MÉDICA VETERINÁRIA</b> <b>RESPONSÁVEL TÉCNICA</b> <b>CRMV-RS 8693</b>	
		UNIDADE BENTO GONÇALVES R. Vitorino Carraro, nº 1331 Bairro Santa Marta CEP 96700-000 Bento Gonçalves/RS Brasil ☎ (54) 99280.8409 🌐 unidadebento@vetis.com.br	
		UNIDADE GATICES R. Miguel Mustone, nº 488 Bairro Madalena CEP 95010-220 Casilas do SulRS Brasil ☎ (54) 98331.9339 🌐 unidadegatices@vetis.com.br	

## ANEXO C - EXAME BIOQUÍMICO DE FELINO, MACHO, SRD



centro de análises veterinárias

Laboratório para quem é apaixonado por saúde animal

www.vetis.com.br | (51) 30411000

---

Código.....: 0094149	Data de Aten.: 11/08/2023
Animal.....: LUCK	Espécie.: FELINA
Raça.....: SRD	Sexo.....: M
Tutor.....: ROSELANDIA CAVALCANTE	Idade....: 2 Anos 0 Dias
Solicitante.: Dr(a)Adriana Gaffrée Leon CRMV - 14780	Clinica.: CLINICALE CLÍNICA VETERINÁRIA

---

**CREATININA**

Método: Cinético  
Amostra: Soro

Resultado.....: 29,0 mg/dL	Valor de referência 0,50 a 1,80 mg/dL
----------------------------	--

Observação:Exame repetido e confirmado.

**FÓSFORO**

Método: MOLIBDATO-UV  
Material: Soro

Resultado.....: 22,4 mg/dL	Valor de referência 4,5 a 8,1 mg/dL
----------------------------	--

**URÉIA**

Método: Cinética UV  
Material: Soro

Resultado.....: 500 mg/dL	Valor de referência 10 a 60 mg/dL
---------------------------	--------------------------------------

Observação:Exame repetido e confirmado.



vetis

centro de análises veterinárias

**vetis**

Av. Tronca, nº 2829 Bairro Rio Branco  
CEP 96090-100 Caxias do Sul-RS Brasil  
F: (51) 30265-0330  
E: contato@vetis.com.br

**laboratório centro concaves**

R. Vitorino Corcini, nº 1031 Bairro Santa Maria  
CEP 96700-000 Bento Gonçalves-RS Brasil  
F: (51) 36280-8439  
E: vitoc@centroconcaves.com.br

**laboratório carnes**

R. Miguel Maestri, nº 488 Bairro Madureira  
CEP 96010-220 Caxias do Sul-RS Brasil  
F: (51) 363319039  
E: vetis@laboratoriocarnes.com.br

*GN*  
**Gislaine K. Neitzke**  
Médica Veterinária  
CRMV-RS 20849

*JK*  
**MARINA KERPEN**  
MÉDICA VETERINÁRIA  
RESPONSÁVEL TÉCNICA  
CRMV-RS 8693